

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

ANDRÉ GIDE

A Porta Estreita



cavalo de ferro

Esforçai-vos por entrar pela porta estreita.

LUCAS, XIII, 24

I

Outros teriam conseguido fazer um livro; mas a história que conto aqui, pus toda a minha força em vivê-la e toda a minha virtude se consumiu nela. Assim, escreverei muito simplesmente as minhas recordações e, se aqui e acolá estiverem fragmentadas, não recorrerei a qualquer invenção para as remendar ou unir; o esforço que implicaria esse preparo prejudicaria o derradeiro prazer que espero encontrar ao falar delas.

Não tinha ainda doze anos quando perdi o meu pai. A minha mãe, a quem já nada retinha no Havre, onde o meu pai fora médico, decidiu ir viver para Paris, estimando que eu continuaria melhor aí os meus estudos. Arrendou, perto do Luxemburgo, um pequeno apartamento, que Miss Ashburton veio ocupar connosco. Miss Flora Ashburton, que já não tinha família, fora, de início, a preceptora da minha mãe, depois, a sua companheira, e, em pouco tempo, a sua amiga. Eu vivia com estas duas mulheres de aspecto igualmente doce e triste, e que apenas consigo recordar de luto. Um dia, e, creio, bastante tempo após a morte do meu pai, a minha mãe substituíra por uma fita lilás a fita preta da sua touca matinal:

— Oh, mamã! — exclamei. — Essa cor fica-te tão mal!

No dia seguinte, ela voltara a pôr uma fita preta.

A minha saúde era delicada. A solicitude da minha mãe e de Miss Ashburton, completamente dedicada em prevenir a minha fadiga, se não fez de mim um preguiçoso, é porque tenho verdadeiramente gosto pelo trabalho. Logo nos primeiros dias de bom tempo, ambas se convenceram de que estava na altura de eu deixar a cidade, por nela empalidecer; lá para o meio de Junho, fomos para Fongueusemare, nos arredores do Havre, onde o meu tio Bucolin nos recebia todos os anos.

Num jardim não muito grande, não muito bonito, que nada de muito particular distingue de um vasto número de outros jardins normandos, a casa dos Bucolin, branca, de dois andares, parece-se com muitas casas de campo do século XIX. Abre uma vintena de grandes janelas para a frente do jardim, a levante; o mesmo nas traseiras; de lado, não as tem. As janelas são formadas por pequenas vidraças: algumas, recentemente substituídas, parecem demasiado claras entre as velhas, que, ao lado dessas, parecem verdes e embaciadas. Algumas têm defeitos a que os nossos familiares chamam «bolhas»; a árvore que observamos, através delas, desarticula-se; o carteiro, ao passar à frente delas, ganha de repente uma corcunda.

O jardim, rectangular, é rodeado de muros. Forma, defronte da casa, um relvado bastante largo, sombreado, a que uma álea de areia e cascalho dá a volta. Desse lado, o muro desce até permitir que se veja o pátio da quinta que cerca o jardim, e que uma alameda de faias limita, como é costume na região.

Atrás da casa, ao pôr-do-sol, o jardim desenvolve-se mais à vontade. Uma álea, risonha de flores, diante das espaldeiras viradas para sul, está abrigada dos ventos do mar por uma espessa cortina de azereiros e algumas árvores. Os meus primos chamavam-lhe «a alameda negra», e não gostavam de se aventurar nela, passado o crepúsculo. Essas duas áleas conduzem ao quintal, que continua, mais abaixo, o jardim, depois de se terem descido alguns degraus. A seguir, do outro lado do muro, onde se abre, ao fundo do quintal, uma pequena porta secreta, encontra-se uma mata, onde a avenida de faias, à direita e à esquerda, vai dar. Do patamar a ponte, o olhar, reencontrando o planalto por cima desse bosquezinho, admira a seara que o cobre. No horizonte, não muito distante, a igreja de uma pequena aldeia e, à noite, quando o vento está sereno, as fumaças de algumas casas.

Em todas as agradáveis noites de Verão, após o jantar, descíamos ao «jardim inferior». Saíamos pela pequena porta secreta e chegávamos a um banco da avenida de onde se domina um pouco a região; aí, ao pé de um telhado de colmo de uma margueira abandonada, sentavam-se o meu tio, a minha mãe e Miss Ashburton; diante de nós, o pequeno vale enchia-se de bruma e o céu dourava-se por cima do bosque ao longe. Depois, demorávamo-nos ao fundo do jardim já escurecido. Voltávamos para casa; reencontrávamos, no salão, a minha tia, que quase nunca saía connosco... Para nós, crianças, o serão terminava ali; mas, muitas vezes, ainda líamos nos nossos quartos quando, mais tarde, ouvíamos os nossos pais subir.

Quase todas as horas do dia que não passávamos no jardim, passávamo-las na «sala de estudo», o escritório do

meu tio onde se tinham colocado carteiras escolares. Eu e o meu primo Robert trabalhávamos lado a lado; atrás de nós, Juliette e Alissa. Alissa tem dois anos a mais, Juliette, um ano a menos do que eu; Robert é, de nós os quatro, o mais novo.

Não são as minhas recordações o que pretendo escrever aqui, mas apenas aquelas que se relacionam com esta história. Posso dizer que ela começa, na verdade, no ano da morte do meu pai. Talvez a minha sensibilidade, muito impressionada pelo nosso luto e, se não pela minha própria mágoa, pelo menos pela visão da mágoa da minha mãe, me predispusse a novas emoções. Eu amadurecera precocemente; quando, nesse ano, regressámos a Fongueusemare, Juliette e Robert pareceram-me, na mesma medida, mais novos, mas, tornando a ver Alissa, compreendi de súbito que ambos deixáramos de ser crianças.

Sim, foi de facto no ano da morte do meu pai; o que confirma a minha memória é uma conversa da minha mãe com Miss Ashburton, logo após a nossa chegada. Eu entrara inopinadamente no quarto onde a minha mãe falava com a amiga; falavam da minha tia; a minha mãe indignava-se por ela não tomar o luto ou por já o ter deixado. (A bem dizer, era-me tão impossível imaginar a minha tia Bucolin de preto como a minha mãe com um vestido claro.) Nesse dia da nossa chegada, tanto quanto me lembro, Lucile Bucolin usava um vestido de musselina. Miss Ashburton, conciliante como sempre, esforçava-se por acalmar a minha mãe; alegava com receio:

– Apesar de tudo, o branco também é de luto.

– E também chama «de luto» a esse xaile vermelho que ela pôs nos ombros? Flora, está a indignar-me! – exclamava a minha mãe.

Eu só via a minha tia durante os meses de férias e provavelmente o calor do Verão motivava essas blusas leves e largamente abertas com que sempre a conheci; mas, mais ainda do que a ardente cor das *écharpes* que a minha tia punha em cima dos ombros nus, era aquele decote que escandalizava a minha mãe.

Lucile Bucolin era belíssima. Um pequeno retrato dela que guardei mostra-me tal como era então, uma aparência tão jovem que seria possível julgá-la a irmã mais velha das suas filhas, sentada de lado, nessa pose que lhe era habitual: a cabeça inclinada para a mão esquerda, de mindinho afectadamente curvado para o lábio. Uma coifa de malhas grossas retém-lhe a massa dos cabelos frisados meio caídos sobre a nuca; no decote da blusa pende, num folgado colar de veludo negro, um medalhão de mosaico italiano. A cinta de veludo negro com um largo nó flutuante, o chapéu de palha maleável de grandes abas que ela pendurara no espaldar da cadeira pela fita, tudo contribui para o seu ar infantil. A mão direita, descaída, segura um livro fechado.

Lucile Bucolin era crioula; não conhecera ou perdera muito cedo os seus pais. A minha mãe contou-me, mais tarde, que, abandonada ou órfã, fora acolhida pela família do pastor Vautier, que ainda não tinha filhos e que, logo após deixar a Martinica, a levou para o Havre, onde a família Bucolin se tinha fixado. Os Vautier e os Bucolin começaram a relacionar-se; o meu tio estava então empregado num banco no estrangeiro e, só três anos mais tarde, quando regressou para junto dos seus, é que viu a pequena Lucile; enamorou-se dela e pediu imediatamente a sua mão, para grande desgosto dos seus pais e da minha mãe. Lucile tinha

então dezasseis anos. Entretanto, a Sra. Vautier tivera duas crianças; começava a rezear nelas a influência dessa irmã adoptiva cujo carácter se afirmava mais bizarramente de mês para mês; depois, os recursos do lar eram magros... tudo isto disse-mo a minha mãe para me explicar que os Vautier tivessem aceitado o pedido do seu irmão com alegria. O que suponho, além disso, é que a jovem Lucile começava a embarçá-los terrivelmente. Eu conhecia suficientemente bem a sociedade do Havre para imaginar com facilidade o género de acolhimento que deram a essa rapariga tão sedutora. O pastor Vautier, que mais tarde conheci afável, circunspecto e ingénuo ao mesmo tempo, sem recursos contra a intriga e completamente desarmado diante do mal, devia sentir-se, esse excelente homem, encurralado. Quanto à Sra. Vautier, nada posso dizer; morreu ao dar à luz um quarto filho, aquele que, praticamente da minha idade, mais tarde haveria de se tornar meu amigo...

Lucile Bucolin pouco participava na nossa vida; só descia do quarto após o almoço; logo se estendia num sofá ou numa cama de rede, e só com imensa languidez tornava a levantar-se. Por vezes, levava à testa um lenço, como que para enxugar uma ligeira transpiração; era um lenço que me maravilhava pela sua fineza e pelo seu cheiro, que se assemelhava menos a um perfume de flor do que de fruto; por vezes, ela tirava da cinta um espelho minúsculo com um tampo deslizante de prata, pendurado na corrente do seu relógio, com diversos outros objectos; olhava-se, com um dedo tocava no lábio, colhia um pouco de saliva e humedecia o canto dos olhos. Frequentemente, segurava um livro, mas quase sempre

um livro fechado; no livro, um corta-papéis de tartaruga ficava preso entre as folhas. Quando alguém se aproximava, o seu olhar não se desviava do seu devaneio para ver quem era. Frequentemente, graças à sua mão negligente ou cansada, o lenço caía, do apoio do sofá, de uma prega da saia, para o chão, ou o livro, ou alguma flor, ou o marcador. Um dia, ao apanhar o livro – é uma recordação de infância que vos conto –, vendo que era de versos, corei.

À noite, depois do jantar, Lucile Bucolin não se aproximava da nossa mesa de família; ao invés, sentada ao piano, tocava com complacência lentas mazurcas de Chopin; por vezes, interrompendo o compasso, imobilizava-se num acorde...

Eu experimentava um singular desconforto ao pé da minha tia, um sentimento feito de perturbação, de uma espécie de admiração e assombro. Talvez um obscuro instinto me prevenisse em relação a ela; além disso, sentia que ela desprezava Flora Ashburton e a minha mãe, que Miss Ashburton a temia e que a minha mãe não gostava dela.

Lucile Bucolin, gostaria de lhe não guardar rancor, esquecer por um instante que fez tanto mal... tentarei pelo menos falar de si sem cólera.

Num dia desse Verão – ou do Verão seguinte, pois naquele cenário sempre igual, por vezes, confundem-se as minhas recordações sobrepostas –, entrei no salão para ir buscar um livro; ela estava lá. Eu ia retirar-me de imediato; ela, que, na maior parte das vezes, mal parece ver-me, chama-me:

– Porque saís tão depressa? Jérôme! Dou-te medo?

Com o coração a bater, aproximo-me; esforço-me por lhe sorrir e estender-lhe a mão. Ela segura a minha mão numa das suas e com a outra acaricia-me a face.

— A tua mãe veste-te tão mal, meu pobrezinho!...

Eu usava então uma espécie de camisola de marinheiro com uma grande gola, que a minha tia começa a desfazer.

— As golas marinhas usam-se muito mais abertas — diz ela, fazendo saltar um botão da camisa. — Pronto! Vê lá se não estás melhor assim! — E, tirando o seu pequeno espelho, puxa o meu rosto contra o seu, passa-me à volta do pescoço o braço nu, desce a mão na minha camisa entreaberta, pergunta, a rir-se, se sou coceguento, continua a avançar... Tive um sobressalto tão brusco que a minha camisola se rasgou; de rosto afogueado, e enquanto ela exclamava: «Irra!, que grande tolo!», fugi; corri até ao fundo do jardim; aí, numa pequena cisterna da horta, mergulhei o meu lenço, apliquei-o na testa, lavei, esfreguei as faces, o pescoço, tudo aquilo em que aquela mulher tinha tocado.

Em certos dias, Lucile Bucolin tinha «a sua crise». Aquilo apoderava-se dela de repente e revolucionava a casa. Miss Ashburton apressava-se a levar e a ocupar as crianças; mas não se conseguia, para que os não ouvissem, abafar os gritos horríveis que vinham do quarto de dormir ou do salão. O meu tio entrava em pânico, ouvíamos-lo de um lado para o outro, apressadamente, nos corredores, procurando toalhas, água-de-colónia, éter; à noite, à mesa, onde a minha tia continuava sem aparecer, ele mantinha uma cara ansiosa e envelhecida.

Quando a crise estava quase ultrapassada, Lucile Bucolin chamava os filhos para junto de si; pelo menos, Robert e

Juliette; Alissa, nunca. Nesses dias tristes, Alissa fechava-se no quarto, onde por vezes o pai se lhe ia juntar, pois falavam frequentemente.

As crises da minha tia impressionavam muito os criados. Uma noite em que a crise foi particularmente forte e em que fiquei com a minha mãe no seu quarto, de onde se captava menos aquilo que se passava no salão, ouvimos a cozinheira a passar nos corredores e a gritar:

– O senhor que desça depressa, a pobre senhora está a morrer!

O meu tio subira ao quarto de Alissa; a minha mãe saiu ao seu encontro. Um quarto de hora depois, quando ambos passaram, sem se dar conta, diante das janelas abertas do quarto onde eu ficara, chegou-me a voz da minha mãe:

– Que queres que te diga, meu amigo? Tudo isto é uma comédia.

E disse-o várias vezes, separando as sílabas: co-mé-di-a.

Isto passava-se no fim das férias, e dois anos depois do nosso luto. Durante muito tempo, não voltaria a ver a minha tia. Mas antes de falar do triste acontecimento que transtornou a nossa família, e de uma pequena circunstância que, precedendo por pouco o desenlace, reduziu a puro ódio o sentimento complexo e ainda indeciso que eu experimentava por Lucile Bucolin, está na altura de vos falar da minha prima.

Que Alissa Bucolin fosse bonita, era coisa em que não conseguia reparar ainda; eu era requerido e atraído para junto dela por um outro encanto que não o da simples beleza. Provavelmente, ela parecia-se bastante com a minha mãe; mas o seu olhar era de uma expressão tão diferente que só

mais tarde me inteirei dessa semelhança. Não sei descrever um rosto; os traços escapam-me, e até a cor dos olhos; relembro apenas a expressão já quase triste do seu sorriso e a linha das sobrancelhas, tão extraordinariamente arqueadas por cima dos olhos, formando um semicírculo. Nunca vi iguais em nenhum lado... Ou talvez sim: numa estatueta florentina da época de Dante; e naturalmente imagino que Beatriz tivesse, em criança, sobrancelhas tão altamente arqueadas como essas. Davam ao olhar, a todo o ser, uma expressão de interrogação simultaneamente ansiosa e confiante — sim, de interrogação apaixonada. Nela, tudo eram perguntas e expectativas... Dir-vos-ei como é que essa interrogação se apoderou de mim, como é que engendrou a minha vida.

Juliette, no entanto, podia parecer mais bonita; a alegria e a saúde depunham nela o seu brilho; mas a sua beleza, ao lado da graça da irmã, parecia exterior e dar-se a todos de uma só vez. Quanto ao meu primo Robert, não o caracterizava nada de especial. Era simplesmente um rapaz mais ou menos da minha idade; eu brincava com Juliette e com ele; com Alissa, conversava; ela não se juntava às nossas brincadeiras; por mais longe que mergulhe no passado, vejo-a séria, levemente risonha e recolhida. — De que falávamos? De que podem falar duas crianças? Tratarei em breve de vo-lo dizer, mas quero, antes de mais, e para não voltar a falar dela, acabar de vos contar aquilo que diz respeito à minha tia.

Dois anos após a morte do meu pai, fomos, eu e a minha mãe, passar as férias da Páscoa ao Havre. Não ficávamos em casa dos Bucolin, que, na cidade, estavam bastante apertadamente acomodados, mas na de uma irmã mais velha da minha

mãe, cuja casa era mais ampla. A minha tia Plantier, que eu raramente tivera a ocasião de ver, estava viúva há muito tempo; eu mal conhecia os seus filhos, muito mais velhos do que eu e de natureza muito diferente. A «casa Plantier», como se dizia no Havre, não era mesmo na cidade, mas a meia altura dessa colina que domina a cidade e a que se chama «a Costa». Os Bucolin moravam ao pé da zona comercial; uma ladeira levava rapidamente de uma casa à outra; eu descia-a precipitadamente e tornava a subi-la várias vezes por dia.

Nesse dia, almocei em casa do meu tio. Pouco depois do almoço, ele saiu; acompanhei-o até ao seu escritório, depois tornei a subir até à casa Plantier para ir buscar a minha mãe. Lá, disseram-me que ela saíra com a minha tia e que só voltaria para o jantar. Desci imediatamente à cidade, onde era raro que pudesse passear livremente. Fui até ao porto, que um nevoeiro marítimo tornava sombrio; errei durante uma hora ou duas pelos cais. Bruscamente, assaltou-me o desejo de surpreender Alissa, a quem, no entanto, acabara de deixar... Atravesso a cidade a correr, bato à porta dos Bucolin; e já me lançava nas escadas. A criada que me abriu a porta é que me pára:

– Não suba, senhor Jérôme! Não suba: a senhora está a ter uma crise.

Mas prossigo:

– Não venho ver a minha tia...

O quarto de Alissa é no terceiro andar. No primeiro, o salão e a sala de jantar; no segundo, o quarto da minha tia, de onde surgem vozes. A porta, à frente da qual é preciso passar, está entreaberta; um raio de luz sai do quarto e corta

o patamar das escadas; com receio de ser visto, hesito um instante, escondo-me e, estupefacto, vejo isto: no meio do quarto, de cortinas corridas, mas onde as velas de dois candelabros difundem uma claridade jovial, a minha tia está deitada numa espreguiçadeira; aos seus pés, Robert e Juliette; atrás dela, um jovem desconhecido em uniforme de tenente. — A presença dessas duas crianças hoje parece-me monstruosa; na minha inocência de então, em vez disso, sossegou-me.

Olham, rindo-se, para o desconhecido, que repete com uma voz aflautada:

— Bucolin! Bucolin!... Se eu tivesse um carneiro, de certeza que lhe chamava Bucolin.

A minha própria tia ri-se às gargalhadas. Vejo-a estender ao homem um cigarro, que ele acende e de onde ela tira algumas baforadas. O cigarro cai no chão. Ele precipita-se para o apanhar, finge prender os pés numa *écharpe*, cai de joelhos à frente da minha tia... Aproveitando esta ridícula cena de teatro, esgueiro-me sem ser visto.

Eis-me diante da porta de Alissa.guardo um momento. Os risos e a gritaria sobem do piso inferior; e talvez tenham abafado o ruído que fiz ao bater à porta, pois não ouço resposta. Empurro a porta, que cede silenciosamente. O quarto está já tão escuro que não distingo logo Alissa; está à cabeceira da cama, de joelhos, virando as costas para a janela, por onde entra uma luz declinante. Vira-se, no entanto, sem se levantar, quando me aproximo; murmura:

— Oh! Jérôme, porque voltaste para trás?

Baixo-me para a beijar; tem o rosto banhado em lágrimas...

Esse instante decidiu a minha vida; ainda hoje não consigo recordá-lo sem angústia. Talvez só muito imperfeitamente compreendesse a causa da aflição de Alissa, mas sentia intensamente que essa aflição era demasiado forte para aquela almazinha palpitante, para aquele frágil corpo completamente sacudido pelos soluços.

Fiquei de pé, junto dela, que permanecia ajoelhada; não conseguia exprimir nada do recente arrebatamento do meu coração; mas pousava a sua cabeça contra o meu coração e, na sua testa, os meus lábios, por onde escoava a minha alma. Embriagado de amor, de piedade, de uma indistinta mistura de entusiasmo, abnegação e virtude, apelava a Deus com todas as minhas forças e oferecia o meu sacrifício, não concebendo outro propósito para a minha vida que não fosse o de abrigar aquela rapariga contra o medo, contra o mal, contra a vida. Por fim, ajoelho-me, absorto em preces; protejo-a junto a mim; confusamente, ouço-a dizer:

— Jérôme! Não te viram, pois não? Oh! Vai-te embora, depressa! Não te podem ver!

E ainda mais baixo:

— Jérôme, não contes a ninguém... o meu pobre pai não sabe de nada...

Por isso, não contei nada à minha mãe; mas os intermináveis cochichos que a minha tia Plantier trocava com ela, o ar misterioso, atarefado e pesaroso das duas mulheres, o: «Meu filho, vai brincar para ali!» com o qual me repeliam sempre que me aproximava dos seus conciliábulos, tudo isso me revelava que não ignoravam por completo o segredo da casa Bucolin.

Jérôme é um jovem parisiense que passa os meses de férias na casa de campo do tio, na Normandia. Num desses verões em que o mundo inteiro parecia impregnado de azul, Jérôme apaixona-se por Alissa, sua prima mais velha. O amor de ambos, constrangido por uma educação religiosa puritana, é sublimado com as leituras que partilham, as cartas que escrevem um ao outro e a resolução que tomam em conjunto: entrar pela *porta estreita*. Contudo, assombrada pelas palavras do Evangelho, Alissa vai-se convencendo de que esse amor terreno os condenará à perdição e o único caminho que vislumbra diante de si é o da renúncia, do sacrifício e da abnegação.

Romance curto, publicado originalmente em 1909, *A Porta Estreita* é o primeiro grande êxito literário do Prémio Nobel André Gide e uma das obras mais representativas da literatura francesa. Um romance de formação e do desencontro amoroso, por via da sublimação dos sentimentos, que inaugura uma temática presente no resto da obra do autor: o conflito entre ética e instinto, a revolta contra a hipocrisia católico-burguesa, a exploração dos espaços secretos do Eu.

«O mais moderno dos clássicos.»




Le Magazine Littéraire

«A arte de Gide estabelece um compromisso entre o risco e a regra [...] Este jogo de equilíbrio está na origem do serviço inestimável que Gide prestou à literatura contemporânea.»

Jean-Paul Sartre



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

